

A Construção do Conhecimento sobre Estratégia: uma análise da produção científica recente (2003-2011), na perspectiva de Burrell e Morgan.

Autoria: Taisa Dias, Rene Birochi, Arturo Muttoni Deambrosis, Gilberto Carlos Monteiro Darosi, Osvair Almeida Matos

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada a partir do objetivo de avançar na discussão acerca dos diferentes paradigmas presentes na construção do conhecimento sobre estratégia organizacional. Buscou identificar, baseado no referencial teórico de Burrell e Morgan (1979), os paradigmas que fundamentam epistemologicamente os artigos publicados nos encontros 3Es, no período de 2003 a 2011. A coleta de dados levou a uma amostra de 239 artigos, sendo que 209 puderam ser classificados. Os resultados confirmam a orientação funcionalista nas publicações sobre estratégia, provocando a necessidade de reflexão sobre outras formas de se pensar e pesquisar o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Paradigmas; Epistemologia; Estratégia.

1 Introdução

A construção do conhecimento científico sobre o campo da estratégia organizacional vem sendo fortalecida de maneira destacada desde a década de 1990 na academia de maneira geral. De forma mais específica, a academia brasileira parece acompanhar essa evolução e um sinal que indica esse reconhecimento foi a criação, em 2003, de um evento específico sobre o tema na programação de eventos científicos da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD) – o Encontro de Estudos em Estratégia (3Es) – sob a coordenação da divisão acadêmica de Estratégia em Organizações (ESO). O referido encontro acontece a cada dois anos e o número de publicações vem crescendo continuamente.

No entanto, a produção acadêmica que caracteriza o avanço na construção do conhecimento nesse campo de estudo o faz sem evidenciar com clareza as suas fundações teóricas. Se por um lado se reconhece o fortalecimento e ampliação das investigações empíricas nessa área, por outro a explicitação de suas respectivas bases teóricas permanece obscurecida em favor das práticas empíricas investigadas. Desta forma, a oportunidade do desenvolvimento de estudos sobre as fundações epistemológicas, que dão suporte à construção de conhecimento sobre a estratégia organizacional (MEIRELLES e GONÇALVES, 2005), remete ao clássico debate a respeito das diferenças epistemológicas na pesquisa em ciências sociais (BIROCHI *et al.* 2013). Tal debate iniciado com o artigo de Burrell e Morgan (1979) influenciou largamente as pesquisas em administração a partir dos anos 1980 (CALDAS; BERTERO, 2007), tendo em vista a revisão teórica sobre os fundamentos epistemológicos nesse campo do conhecimento.

O modelo de análise proposto por Burrell e Morgan (1979) permite, de forma compreensiva, iluminar as fundações teóricas dos diferentes fenômenos sociais que suportam as investigações empíricas a respeito das organizações, de forma geral, e a estratégia organizacional, de forma particular. O modelo agrupa as teorias em quatro paradigmas principais: o humanismo radical, o estruturalismo radical, o interpretativo e o funcionalismo. Dois eixos ortogonais orientam a constituição desses quatro paradigmas: a dimensão objetiva-subjetiva, e a sociologia da regulação e da mudança radical.

Considerando esse contexto teórico preliminar, este estudo foi desenvolvido de forma a responder a seguinte pergunta de pesquisa: **como estão distribuídos os artigos publicados sobre as estratégias organizacionais em relação ao modelo proposto por Burrell e Morgan?** Por meio de um levantamento bibliométrico o trabalho teve como objetivo principal analisar os artigos publicados nos encontros 3Es realizados pela ANPAD, no período de 2003 à 2011, utilizando como referencial teórico a proposta de quatro agrupamentos paradigmáticos, segundo Burrell e Morgan.

O objetivo principal foi decomposto nos seguintes objetivos específicos: i) identificar as principais teorias adotadas nos artigos pertencentes à amostra estudada; ii) identificar os principais termos e palavras-chave presentes nessas publicações, que possam ser associadas a um paradigma em particular; iii) classificar os artigos de acordo com as dimensões “objetivo-subjetivo” e “regulação-mudança”, que orienta a tipologia aqui adotada; iv) identificar a perspectiva paradigmática dos artigos pertencentes à amostra estudada.

Desta forma, este artigo pretende contribuir para o debate sobre os fundamentos epistemológicos que constituem os estudos sobre a estratégia organizacional. O artigo está estruturado em outras quatro seções, além desta introdução. A segunda seção apresentará o referencial teórico que orienta a presente investigação; a terceira seção irá tratar dos procedimentos metodológicos empregados; a quarta seção fará a análise dos resultados encontrados; e, por fim, a quinta seção irá apresentar as considerações finais, assim como as contribuições, limitações e proposta para futuros estudos.

2 Fundamentação Teórica

Ao se lançarem à análise da gênese do pensamento estratégico de tradição ocidental, Clegg *et al* (2004) reconhecem que o desenvolvimento do conhecimento científico sobre a administração estratégica tem uma dívida com o modernismo, afirmando que este movimento forneceu a base de criação do campo objeto do presente estudo. Retomando Descartes (1642), Clegg *et al* (2004) afirmam que a separação cartesiana entre mente e matéria explica a forma como se desenvolve o planejamento estratégico.

Segundo os autores, as correntes modernas do pensamento ocidental são marcadas pelo pressuposto de que a mente controla a matéria, e que, na mesma medida em que os processos de gestão procuram controlar a organização, mantém-se certa simetria com os procedimentos racionalistas de base cartesiana. Por analogia, o planejamento precede a capacidade de determinar a realidade, assim como a controla. Neste caso, evidencia-se uma relação de dominação entre a razão e a realidade investigada (ou gerenciada) que, por sua vez, é fruto da relação hierárquica determinada pela separação cartesiana. Esta relação hierárquica pressupõe que a mente pensa, analisa, planeja, lidera e controla, enquanto o corpo (matéria) – mero objeto – executa passivamente, tornando-se esta relação (mente e matéria mediadas pela razão), então, a base estruturante do pensamento estratégico ocidental.

Essa dominação da mente (o nível da organização a quem cabe o pensar estrategicamente) sobre o corpo (o nível da organização a quem cabe executar) fica significativamente evidenciada nos estudos de Alfred Chandler publicados na década de 1960, quando defende que o planejamento estratégico conduz, domina e determina a estrutura organizacional. Caso se busque, como fizeram Clegg *et al* (2004), a contribuição de Descartes e sua explicação cartesiana para refletir a este respeito, é possível concordar com os autores quando indicam que, nessa perspectiva, “a estratégia é uma reação a qual a estrutura também reage” (CLEGG *ET AL*, 2004, p. 23).

Nesse contexto de análise se compreendem as razões que levaram Alfred Chandler a considerar que a rede de causas e efeitos é linear, simples e trivial: as mudanças no ambiente conduzem a estratégia e esta, por sua vez, determina o delineamento da estrutura. Assim sendo, conforme sugere Alfred Chandler desde a década de 1960, a estrutura precisa seguir a estratégia para que os objetivos possam ser atingidos. Dessa forma, ela seria, então, uma maneira de eliminar ou incorporar incertezas, proporcionando um melhor grau de previsibilidade.

Depois de justificar a dívida da administração estratégica com o modernismo, Clegg *et al* (2004), se posicionam de maneira crítica a essa herança provocada pelo caminho que a originou, apontando o que classificam como “falácias da administração estratégica”. No entendimento dos autores, algumas disparidades se estabelecem no desenvolvimento desse campo, resumindo-se à:

- i) **Falácia da realidade sempre imperfeita:** o nível estratégico está continuamente diagnosticando uma realidade que pode ser melhorada para, a partir disso, justificar o planejamento como promessa de um futuro melhor. Assim, incentivam a luta contra a referida realidade que vem produzindo insatisfação e, como consequência disso, desconsideram possibilidades diversas que ali aguardam para serem exploradas.
- ii) **Falácia do futuro simplesmente previsível:** a realidade é simplificada a partir da ideia de que o futuro é previsível. O planejamento estratégico a simplifica de tal forma que a sua complexidade é desprezada.
- iii) **Falácia de que o que é planejado corresponde ao que será implementado:** ao se imaginar que metas criadas a partir de um cotidiano podem garantir o controle do futuro, fica estabelecida uma disparidade entre

- o que se planeja e o que é possível atingir, já que fica dificultada a tradução da visão estratégica para a sua prática.
- iv) **Falácia do planejamento da mudança que desconsidera a álea:** ao calcular e prever o futuro, o planejamento torna linear o processo da sua construção que, por natureza, é disforme. Fazendo isso, impede que as diversas opções que surgem aleatoriamente durante o processo de mudança forneçam um contorno diferente do contorno previsto ao desprezar oportunidades que surgem marginalmente.
 - v) **Falácia de que toda a organização vai concordar em seguir o planejamento estratégico:** a linearidade que conduz o planejamento leva a uma imagem não reflexiva da organização. Parte dela então o seguirá, mas a parte que não se vê refletida na organização projetada por esse planejamento, instala resistência e, conseqüentemente, cria dificuldade.
 - vi) **Falácia de que a ordem anula a possibilidade do caos:** O fato de que a organização ao se confrontar com o ambiente externo tem a sua ordem ameaçada, faz com que o planejamento negligencie a possibilidade do caos. Assim, a proposta do planejamento de superar a desordem afasta a organização de absorver uma sempre iminente nova desordem provocada pelo caos, o que, para ser garantido, exige disciplina.
 - vii) **Falácia de que diferentes áreas da organização conseguirão convergir para um mesmo fim:** o planejamento estratégico é construído sobre a ignorância da pluralidade de interesses e da contradição entre objetivos que uma organização tenta dirigir. Com isso, o planejamento não reflete o entrelaçamento de interesses das diferentes áreas porque não considera a complexidade e insiste em simplificar. Assim, cria uma disparidade entre o que se objetiva como fim e os meios para atingi-lo.

As disparidades provocadas pela ideia da administração estratégica e indicadas por Clegg *et al* (2004) confirmariam, segundo os autores, influência das limitações do pensamento cartesiano, assim como a racionalidade subjacente que dá suporte ao campo de conhecimento das organizações. Mas, além de justificar a sua dívida com o modernismo e criticar a sua base epistemológica, os autores evidenciam que, especialistas da área - tais como Henry Mintzberg e Michael Porter – reproduzem, na verdade, o que há 30 anos se propõe em termos de gestão; ou seja, uma prática remanescente do que se esperou com a emergência da Administração Científica de Taylor.

Diante do exposto até aqui, cabe lembrar que diferentes abordagens são encontradas na literatura que se propõem a revisar a discussão acerca das fundações epistemológicas de pesquisas em administração, contribuindo sobremaneira para o enriquecimento deste debate na área. Dentre as quais, destacam-se o trabalho clássico de Burrell e Morgan (1979). De sua contribuição, é possível compreender que o modelo de análise proposto, além de permitir a discussão acerca dos múltiplos fenômenos sociais que envolvem as organizações a partir das diferentes visões de mundo, possibilita também que este debate seja levado ao campo mais específico da estratégia organizacional. Dito de outra forma, o modelo de Burrell e Morgan (1979) revela possíveis maneiras de abordar e discutir diferentes objetos de estudo em ciências sociais, entre eles os estudos que envolvem estratégia organizacional, a sua elaboração e as formas de sua implementação.

De acordo com esses autores, para se compreender os diferentes paradigmas existentes nas ciências sociais, é necessário compreender a origem teórica das diferentes abordagens existentes. O avanço da análise epistemológica no campo da administração, de maneira geral, e da estratégia, de modo particular, embora tardio, parece estar se dando com vigor. Como

reconhece Japiassu (1991), a epistemologia pode ser entendida como um estudo metódico e reflexivo do saber, da forma como se organiza, se constrói, se desenvolve, funciona e o que produz intelectualmente. É, por natureza, um estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados da ciência; um estudo que se propõe à tarefa de conhecer e analisar as etapas de estruturação de determinado conhecimento, contribuindo, entre outras coisas, com a identificação do que um cientista fala e da forma como ele fala (SERVA; DIAS; ALPERSTEDT, 2010).

Diante disso, Burrell e Morgan se propuseram a revisar e categorizar os estudos organizacionais tendo, como referência, os paradigmas que os sustentam. Como resultado, os autores propuseram um quadro organizado em dois eixos e divididos por quatro quadrantes, que procuram organizar e classificar as diferentes escolas do pensamento sociológico e da sociologia das organizações, baseadas em suas filiações a um paradigma fundacional específico.

Nessa proposta, Burrell e Morgan indicam que as abordagens adotadas dentro das ciências sociais devem ser consideradas a partir de quatro pressupostos básicos, agrupados conforme i) a sua ontologia, ou seja, a essência da realidade do próprio fenômeno analisado; ii) a sua epistemologia, isto é, os pressupostos que guiam as condições de possibilidade do conhecimento científico; iii) a sua natureza humana, representada pela relação entre o homem e o seu ambiente, assim como a influência mútua entre eles; e, por fim; iv) a sua metodologia, referindo-se aos procedimentos metodológicos de pesquisa.

Os pressupostos sobre a natureza das ciências sociais são representados por quatro quadrantes constituídos pelas dimensões subjetivo/objetivo e regulação/mudança radical. As duas dimensões resultam, assim, em quatro paradigmas sociológicos: humanismo radical, estruturalismo radical, interpretativo e funcionalismo (Figura 1).



Figura 1. Os quatro paradigmas sociológicos na perspectiva de Burrell e Morgan (1979).

Fonte: Burrell e Morgan (1979), adaptado pelos autores.

Ao identificar quatro paradigmas na teoria social, os autores propõem, essencialmente, analisar a produção do conhecimento em função de quatro conjuntos básicos de pressupostos teórico-metodológicos, que circunscrevem os seus respectivos limites, considerados com uma espécie de “território intelectual” (BIROCHI *et al*, 2013) (Figura 2).



Figura 2: Resumo da tipologia de paradigmas de Burrell e Morgan (1979)

Fonte: Burrell e Morgan (1979), adaptado pelos autores.

O **paradigma funcionalista** é baseado na sociologia da regulação por meio da preocupação com a explicação do status quo e busca, de forma objetiva, uma explicação prática para os problemas da realidade. Ainda no lado da regulação, porém de perspectiva subjetiva, apresenta-se o **paradigma interpretativo**, com forte influência do idealismo alemão citado anteriormente. De acordo com Paes de Paula *et al* (2010), o interpretativismo é caracterizado pelo foco na compreensão da vida organizacional, incluindo o entendimento dos seus significados sociais de símbolos e signos. Estes autores consideram como interpretativismo, "trabalhos que se preocupam com o significado dado à realidade pelos seus participantes, normalmente realizados através de pesquisas etnográficas" (p.15). Da mesma forma, Cruz e Pedrozo (2008) destacam que no interpretativismo, a realidade é influenciada pelo conhecimento do sujeito que a analisa e vice-versa, havendo uma interdependência. Os autores reforçam que "para os interpretativistas, o processo de criação do conhecimento passa pela compreensão do senso que os atores envolvidos dão à realidade" (p.60).

Seguindo a linha subjetiva, porém focado na sociologia da mudança radical, aparece o **paradigma humanista radical** criticando o status quo numa perspectiva nominalista, voluntarista e ideográfica. Sobre o Humanismo Radical, Paula *et al* (2010) reforçam o foco na defesa de um sujeito autônomo e o uso da dialética, alinhados com a fenomenologia e o existencialismo. O **paradigma estruturalista radical**, com uma visão objetiva, se coloca na ideia da mudança radical e preocupa-se com assuntos como emancipação, com uma perspectiva realista, positivista, determinista e nomotética.

Dessa forma, Burrell e Morgan (1979) possibilitaram o entendimento das teorias sociais dentro das abordagens mencionadas e o enquadramento em quatro perspectivas, apresentadas de maneira sintética na Figura 2. Ao se lançar adotando a tipologia desses autores para analisar as publicações sobre estratégia e os paradigmas por elas adotados, este estudo associa a referida obra ao estudo desenvolvido por Clegg *et al* (2004) sobre a forma de como se deu a construção do conhecimento nesse campo, para fazer ponte com o trabalho de Burrell e Morgan (1979) e assim, fundamentar o caminho para atingir os objetivos a que este trabalho se propôs.

3 Características e Percurso da Pesquisa

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa de abordagem descritiva, de enfoque quali-quantitativo, desenvolvida a partir de um levantamento bibliométrico - procedimento adotado

para seleção da amostra dos artigos analisados. A base de dados utilizada baseou-se exclusivamente nos anais dos 3Es da ANPAD, ocorridos no período de 2003 à 2011, nas cidades de Curitiba/PR (2003); Rio de Janeiro/RJ (2005); São Paulo/SP (2007); Recife/PE (2009) e Porto Alegre/RS (2011). A escolha dessa base de dados teve como premissa a representatividade que as publicações neste evento têm para professores, pesquisadores, pós-graduandos e outros profissionais interessados na construção do conhecimento a respeito do tema.

Foram identificados 239 artigos, que compuseram a amostra analisada. Todos os artigos foram analisados com vistas a atender o objetivo geral da pesquisa. Para a análise de cada artigo foram considerados os princípios norteadores de cada um dos quatro paradigmas propostos por Burrell e Morgan, avaliados conforme o seu posicionamento em relação à dimensão “subjetivo-objetivo” e à dimensão “regulação-mudança radical”; ou seja, a partir de um conjunto de pressupostos metateóricos que identificam a natureza da ciência social.

A análise dos resultados foi realizada por meio da elaboração de duas tabelas de frequência: a primeira destacou as teorias mencionadas nos artigos pesquisados e; a segunda apresentou as características, termos, ideias e palavras contidas nos artigos. No caso da primeira tabela, decidiram-se priorizar as cinco teorias mais citadas como base teórica para os artigos. A interpretação da frequência dos termos e das teorias permitiu caracterizar e classificar os artigos em cada um dos paradigmas. Importante destacar que na hipótese de não haver unanimidade entre os pesquisadores-autores sobre a perspectiva paradigmática adotada em determinado artigo, este foi classificado como “não identificável”.

4 Apresentação e Análise dos Resultados

Uma vez aplicados os procedimentos metodológicos delineados para a análise dos resultados foram classificados 209 artigos, sendo que 30 artigos não puderam ser classificados em função da dificuldade em se determinar a vinculação destes a um dos respectivos paradigmas. Neste sentido, a primeira conclusão a que se pode chegar é que um número significativo de trabalhos publicados nos anais dos 3Es não conseguem evidenciar as fundações teóricas assumidas por seus autores.

Dos artigos que permitiram classificação, quando a análise se concentrou sobre a dimensão objetivo-subjetivo, os dados levaram ao entendimento de que 178 artigos são filiam-se à dimensão objetiva e 31 artigos à dimensão subjetiva (Gráfico 1).

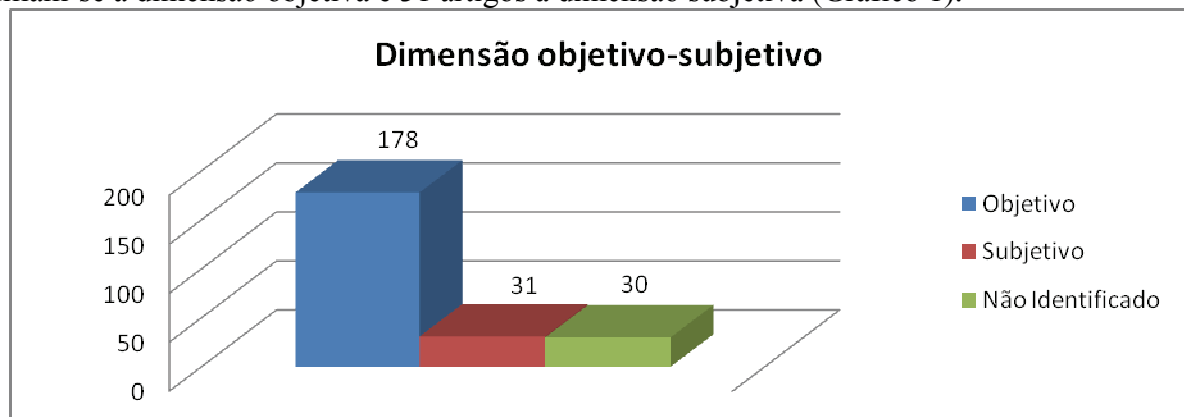


Gráfico 1: Resultados artigos em relação à dimensão objetivo-subjetivo.

Fonte: Elaborado pelos autores

Em relação à dimensão regulação-mudança, a análise dos dados apontou que 205 artigos são vinculados à dimensão da regulação e apenas 04 estão associados à dimensão da mudança (Gráfico 2).

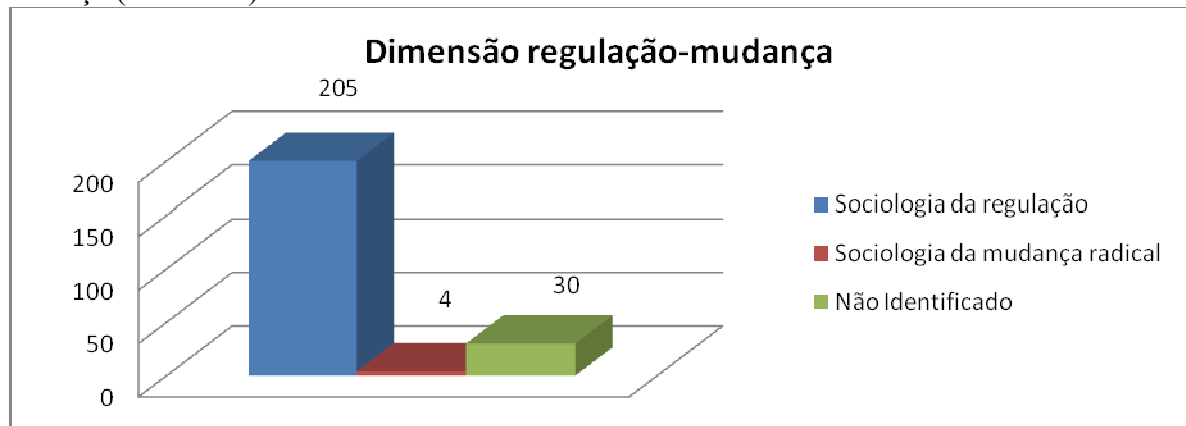


Gráfico 2: Resultados artigos em relação à dimensão regulação-mudança.

Fonte: Elaborado pelos autores

Assim sendo, a análise dos 239 artigos revelou que 178 deles apresentaram alguma espécie de vínculo com os pressupostos do paradigma funcionalista, 28 artigos com o paradigma interpretativista, 03 artigos com o paradigma humanista radical e nenhum artigo apresentou-se como passível de ser considerado vinculado ao paradigma estruturalista radical. Além disso, 30 publicações foram classificadas como ‘não identificável’. O Gráfico 3 ilustra esta conclusão:

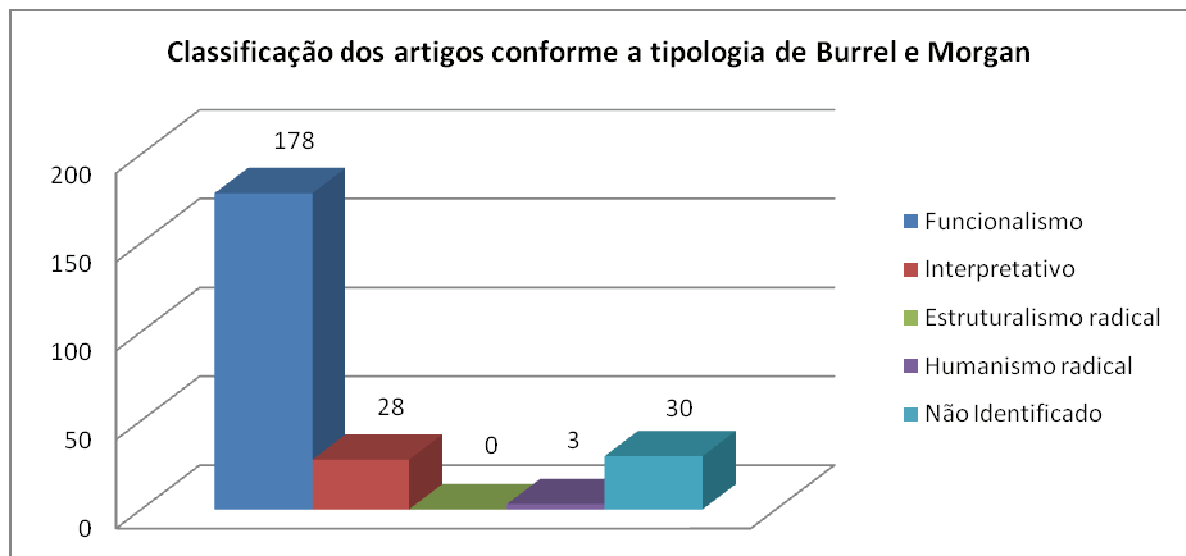


Gráfico 3: Classificação dos artigos em relação aos seus respectivos paradigmas

Fonte: Elaborado pelos autores

Os resultados das análises revelaram que as pesquisas na área de administração pertencem predominantemente à epistemologia positivista (CALDAS; BERTERO, 2007; CRUZ; PEDROZO, 2008), baseadas em conceitos ainda inspirados nos trabalhos clássicos de Comte (2002). Da mesma forma, as publicações que se referem ao campo da estratégia organizacional também sugerem esse mesmo vínculo. Uma parte significativamente representativa das publicações analisadas foi reconhecida como pertencente ao paradigma funcionalista, ou seja, também vinculada à epistemologia positivista.

As abordagens de cunho positivistas baseadas nos pressupostos teóricos propostos por Comte (2002) é, como a literatura revela, bastante adotada nas pesquisas acadêmicas e, nas ciências sociais aplicadas, na qual a administração é um exemplo destacado. A epistemologia positivista considera que o objeto ou o fenômeno que está sendo analisado existe independentemente de quem o está analisando, pois sujeito e objeto são considerados independentes, fortalecendo a ideia de que o esforço cognitivo deve ser concentrado na necessidade de isolar o objeto para, dessa forma, apreender a realidade tal qual ela é. Existe nisto uma visão determinista, que busca definir de forma objetiva as relações causais entre as variáveis analisadas.

Mas em se tratando de estratégia organizacional, o contexto estudado, assim como o imbricamento entre o sujeito do conhecimento e o seu objeto são questões seminais para a área. Neste sentido, a corrente interpretativista – identificada em 28 artigos analisados – parece surgir como um paradigma em processo de adoção e consolidação gradativa para a construção do conhecimento na área. Nesse paradigma, o objetivo não é a explicação da realidade, mas sua compreensão e, assim sendo, neste caso a realidade nunca será independente do conhecimento de quem a está analisando, pois sujeito e objeto são interdependentes. Desta forma, o conhecimento construído é subjetivo e particular a um determinado contexto. Se para os interpretativistas, o processo de criação do conhecimento passa pela compreensão da noção que os atores envolvidos dão à respectiva realidade, pode-se inferir que os pesquisadores vinculados a esse paradigma buscam compreender a realidade por meio das interpretações feitas pelos próprios atores. Neste caso, diferencia-se os procedimentos de compreensão em relação aos procedimentos de explicação, ao contrário dos positivistas que pretendem explicar a realidade, pois esta pode ser apreendida em sua totalidade.

Diante disso, os resultados deste estudo, embora evidenciem a hegemonia do paradigma funcionalista, sugere, também, que os procedimentos interpretativos possuem uma tendência de crescimento no domínio da gestão estratégica. Se por um lado ainda se confirma a forte vinculação aos princípios positivistas, por outro lado, a quantidade de publicações associadas aos demais paradigmas da tipologia de Burrell e Morgan (1979) permite concluir que a área de estratégia avança, ainda que a passos lentos, para uma ruptura da hegemonia positivista.

No entanto, chama atenção o número elevado de publicações em estratégia organizacional que não puderam ser classificadas em nenhum dos quatro paradigmas. Isto reforça os resultados apontados por outros autores que analisaram as fundações teóricas dos estudos em administração de forma mais ampla (CALDAS; BERTERO, 2007). Essa dificuldade em classificar pode ter relação, adicionalmente, com uma tendência de adoção de abordagens multiparadigmáticas. Neste sentido, a obra de Burrell e Morgan revela, também, algumas de suas limitações: como classificar, por exemplo, uma publicação de abordagem multiparadigmática se a tipologia desenvolvida pelos autores não pressupõe nenhuma espécie de concomitância ou inter-relação entre os fundamentos teóricos pertencentes a diferentes paradigmas?

5 Considerações Finais

Considerando que a amostra analisada foi limitada aos artigos apresentados em um único tipo de evento e num período de tempo determinado, se reconhece aqui que uma parte importante do universo de artigos publicados sobre o campo da administração estratégica não foi contemplada. Sugere-se, assim, que a pesquisa seja continuada, ampliando a análise a outros eventos e outras publicações que também concentre publicações a respeito da

construção do conhecimento sobre o tema aqui estudado. Apesar dessa limitação, algumas considerações importantes merecem ser destacadas.

Como ficou evidenciado na pesquisa aqui apresentada, mais de 12% dos artigos analisados não possibilitaram a identificação de seus respectivos paradigmas. Esta parece ser uma limitação central a ser superada no domínio da administração (CALDAS; BERTERO, 2007) e, particularmente, pelos teóricos e praticantes da gestão estratégica.

Ao cumprir o objetivo a que se propôs com o presente trabalho, observa-se que os artigos publicados no 3Es, da ANPAD no período de 2003 à 2011, pertencem, em parte significativa, ao paradigma funcionalista. Isto denota que as publicações analisadas reafirmam a dívida da administração estratégica com o modernismo evidenciada por Clegg *et al* (2004). Embora o campo revele sinais incipientes de pesquisas baseadas em epistemologias críticas (PRASAD, 2005), a herança que provoca as “falácias da administração estratégica”, como se referiram estes autores, ainda se mostra hegemônica na primeira década do século XXI. Em outras palavras, é possível afirmar que, com base nas publicações analisadas, a produção científica sobre estratégia organizacional sugere a sua orientação para as práticas, sem a contrapartida da explicitação de suas respectivas fundações teóricas, como já havia sido apontada por CALDAS (2005).

Diante disso, consideramos central a retomada da proposta de Clegg *et al* (2004), que destacam como de fundamental importância que alguns elementos como a ética, o poder, o discurso e o jogo de linguagem, assim como o perfil de quem elabora as estratégias nas organizações e a influência de agentes não humanos, sejam incorporados nos cânones da pesquisa sobre administração estratégica. Segundo os autores, essa incorporação de muitas das preocupações atuais da teoria organizacional à administração estratégica tende a fazê-la avançar tanto em nível teórico quanto prático. Sob outro olhar, isso representaria o abandono da hegemonia do positivismo adotado pela maioria dos estudiosos norte-americanos e o fortalecimento do movimento iniciado por Richard Whittington, que defende o amadurecimento de uma abordagem estratégica europeia. Essa abordagem de Whittington *et al* (2003), que se coloca como proposta para afastar a prática da estratégia das falácias identificadas por Clegg *et al* (2004), diminuiria, por consequência, a reminiscência clássica que suporta a área.

Disso é possível concluir que tais autores corroboram no sentido de que é necessário intensificar a reflexão por parte daqueles que elaboram as estratégias e isto, como destacam Clegg *et al* (2004), passa pela aproximação destes praticantes com a comunidade acadêmica. No mesmo sentido, o avanço das práticas da estratégia parece pressupor o avanço de sua fundamentação teórica, para que as pesquisas empíricas possam continuar o processo de construção do conhecimento teórico e prático nesse domínio.

Desta forma, ao assumir o alerta de Whittington *et al* (2003) acerca da emergência de uma abordagem europeia para o campo, que entendemos como uma abordagem mais crítica, parece corresponder com os resultados que o presente artigo apontou. Ao reconhecer o aporte na hegemonia do positivismo, emerge a necessidade de uma reconstrução na área para dar conta desse “mal de origem”, tendo em vista sincronizar as práticas atuais com os pressupostos teóricos contemporâneos propostos pelo estado da arte do setor. Diante disso, se pode concluir que uma contribuição seminal poderá surgir de uma postura alternativa e adaptada para as necessidades das pesquisas na área. Essa postura alternativa consideraria fundamental a interação do pesquisador no fenômeno analisado e partilharia da prerrogativa de que o conhecimento é algo construído, ao contrário da ideia de que o conhecimento é dado como algo imanente ao próprio objeto de estudo.

A construção do conhecimento a partir de um espaço cada vez maior para pesquisas na perspectiva construtivista, tais como apontam os trabalhos de Le Moigne (2001) e Perret; Séville (2003), por sua vez, se ancoram no pensamento complexo defendido por Morin (1999,

2000, 2001, 2002 e 2003) como caminho para superação das limitações deixadas pela hegemonia que pautou a construção do conhecimento em ciências sociais. Assim, ao finalizar este artigo, uma questão deixa suas portas abertas: essa abordagem alternativa teria alguma relação com a emergência de uma perspectiva construtivista para pesquisas na área de estratégia?

Referências Bibliográficas

CRUZ, L. B.; PEDROZO, E. A. Pesquisas de concepção como uma alternativa para o campo da estratégia. **Revista de Administração Mackenzie** — RAM, v. 9, n. 4, edição especial, 2008, p. 56-74.

BURRELL, G.; MORGAN G. *Sociological Paradigms and Organizational Analysis*. London: Heinemann Educational Books, 1979.

CALDAS, P. Miguel. Paradigmas em Estudos Organizacionais: Uma Introdução à Série. **RAE**, vol. 45, número 1, 2005.

CALDAS, Miguel P.; BERTERO, Carlos Osmar (org.) **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**. (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil) – São Paulo: Atlas, 2007.

CLEGG, S.; CARTER, C.; KORNBERGER, M. A “Máquina Estratégica”: fundamentos epistemológicos e desenvolvimentos em curso. **RAE**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 4, p. 21-31, out.dez. 2004.

CHANLAT, J.-F.; SÉGUIN, F. **L’analyse des organisations**: une anthologie sociologique. Tome I. Montreal: Gaëtan-Morin, 1983.

CHEVALLIER, J; LOSCHAK, D. **A ciência administrativa**. Mem Martins: Europa-America, 1980.

COMTE, A. *Discours sur l’esprit positif*: ordre et progrès. Paris: Philosophique, 2002.

CRUZ, L. B.; PEDROZO, E. Ávila. Pesquisas de concepção como uma alternativa para o campo da estratégia. **Revista de Administração da Mackenzie** (RAM), São Paulo, v. 9, n. 4, June 2008.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. São Paulo: Ícone, 2006.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 6.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

KUHN, T. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1962.

LE MOIGNE, J.-L. *Le constructivisme*: les enracinements. Paris: L’Harmattan, 2001.

MEIRELLES, A. M.; GONÇALVES, C. A.. **Uma Abordagem Multiparadigmática para a Disciplina Estratégia**. Encontro de Estudos de Estratégia (3Es), 2005.

MORIN, E. **O Método 3: o conhecimento do conhecimento**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1999. 288 p.

_____. O pensamento complexo: um pensamento que pensa. In: MORIN, E.; LE MOIGNE, J. L. **A inteligência da complexidade**. 2. ed. São Paulo: Petrópolis, 2000. p. 196-213.

_____. **O Método 2: a vida da vida**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002. 528 p.

_____. **O Método 1: a natureza da natureza**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003. 480 p.

PAES DE PAULA, A. P.; MARANHÃO, C. M. S. A.; BARRETO, R. O.; KLECHEN, C. F.. A tradição e a autonomia dos Estudos Organizacionais Críticos no Brasil. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, São Paulo, v. 50, n. 1, Mar. 2010.

PERRET, V.; SÉVILLE, M. Fondements épistémologiques de la recherche. In: THIETART, R. A. et al. (Org.). **Méthodes de recherche en management**. Paris: Dunod, 2003. p. 13-33.

PRASAD, P. **Crafting qualitative research: working in the postpositivist traditions**. Armonk NY: M.E. Sharpe, 2005.

SERVA, Maurício, DIAS, Taisa, ALPERSTEDT, Graziela D. O Paradigma da Complexidade e a Teoria das Organizações: uma reflexão epistemológica. **RAE**, São Paulo, v. 50, n. 3. jul./set. 2010.

WHITTINGTON, R. *et al.* **Taking strategy seriously: responsibility and reform for an important social practice**. Journal of management Inquiry, v. 12, n. 4, p. 396-409, 2003.